DISCURSO

pronunciado na tarde de 2 de Dezembro de 1925, na cidade de Fortaleza, junto ao monumento de D. Pedro II,

PELO

Dr. José Lino da Justa,

Orador do Instituto do Ceará.

Meus Senhores.

O Instituto do Ceará por uma captivante generosidade delegou poderes ao mais obscuro dos seus consocios para representá-lo nesta excelsa e solemne homenagem civica em que a alma Brasileira, numa emoção vibrante, commemora o Centenario do nascimento de D. Pedro II, o ultimo Imperador e o primeiro cidadão do seu tempo.

Bem inspirada andou a nobre Associação dos jornalistas Cearenses tomando a iniciativa desta commemoração profundamente justa, e á qual, para honra nossa, adheriram todas as classes numa solidariedade sincera e edificante.

E' que a solemnidade deste dia, a que se associaram o governo e o parlamento da Republica, representa o resgate de uma divida nacional.

Honra, pois, aos obreiros da imprensa; da imprensa, que como vehiculo propulsor do progresso esteve sempre, em todos os tempos, na linha da frente no combate pelas boas idéas.

Quando compenetrada do seu dever civico e moral e da sua missão civilizadora, torna-se ella uma grande e fecunda sementeira do bem, destacando-se como verdadeiro centro de gravidade da opinião publica no seio das sociedades modernas.

Alavanca resistente, com um ponto de apoio no bem dos agrupamentos humanos, não existe como a Imprensa machina mais potente e maravilhosa.

E' a imprensa, no conceito eloquente de Ruy Barbosa: «a vista da Nação. Por ella é que a Nação acompanha o que lhe passa ao perto e ao longe, enxerga o que lhe malfazem e devassa o que lhe occultam».

Assim tem feito ella uma revolução, ás vezes pacifica, ás vezes cruenta, no destino das nacionalidades.

A sua voz, a sua actuação dynamica, não raro, quando guiada pela sã moral dos principios, eleva, orienta e approxima o intercambio da solidariedade humana no mundo do pensamento e das idéas, — produzindo entre os povos — a concordia que sua visa os embates da politica e a paz, que é a hostia eucharistica do trabalho.

Foi de uma opportuna equidade, Meus Senhores, que tenha partido, repito, dos operarios do pensamento a iniciativa louvavel destas homenagens.

A memoria de D. Pedro II bem merecia esta manifestação, porque, quando no fastigio do poder, ninguem respeitou mais a liberdade do pensamento do que o Imperador.

E' que naquelle tempo elle soube imprimir na alta administração do paiz o grande principio das responsabilidades, infelizmente hoje tão apagado na consciencia dos homens.

E' do conhecimento de muitos um sombrio episodio da época.

Quando, no ultimo quartel da monarchia, a attitude aggressiva em linguagem licenciosa do

famigerado—Corsario insultava vilmente o velho monarcha, este deu um nobre exemplo de magnanima tolerancia nunca consentindo que fosse empastelado o jornal.

E se o seu redactor, Apulchro de Castro, teve um fim tragico, o gesto que mandou ou a mão que o feriu não partiu dos aulicos do Paço Imperial nem dos bastidores da administração publica.

Meus Senhores! E' um facto patente á consciencia dos brasileiros que—a liberdade, que no conceito de um publicista,—é a expressão civica, juridica e politica em todas as sociedades bem organisadas,—o Imperador sempre a acatou com o prestigio da sua grande autoridade—blindada por admiravel bom senso e illibada probidade.

Através das vicissitudes da vida intensa do paiz ou nas collisões dos partidos,—foi elle sempre o escudo protector, onde se vinham quebrar as paixões dos corypheus irrequietos da politica.

E' que elle fôra sempre um espirito altamente criterioso e um homem de consciencia bem equilibrada.

No conceito de um brilhante republicano da propaganda, o eminente professor Azevedo Sodré, D. Pedro «soube adaptar-se com serena providencia ao meio Americano e concorreu efficazmente para que a monarchia no Brasil fosse mais liberal e democratica do que a Republica em quasi todos os outros paizes do continente.

«Dispondo de uma cultura geral, rara entre os principes, apreciando o convivio dos sabios, artistas e homens de letras, nacionaes ou estrangeiros, manteve com uma constancia ininterrupta a preoccupação de zelar pela efficiencia do ensino publico e de promover-lhe o desenvolvimento.

«Tornaram-se proverbiaes, entre nós, o amor, o interesse e a solicitude com que cuidava dos assumptos relativos á instrucção publica.

«Os nossos Institutos de ensino superior e

principalmente o Collegio Pedro II guardam ainda com saudades a lembrança das suas reiteradas visitas, para assistir aulas, exames, defesas de theses, provas de concurso, nunca permittindo que a politicagem perturbasse a vida destes estabelecimentos.

E um exemplo frisante desta attitude nobre temos presente á memoria ao lembrar os notaveis concursos de Capistrano de Abreu -o sabio e obscuro comprovinciano nosso, e de Benjamin Constant, outro alto espirito que desde a juventude vinha pregando a Republica.

E, ainda, a proposito, Meus Senhores, ouçamos uma pagina do passado, burilada pela brilhante penna do fecundo escriptor patricio Coelho Netto:

«Eu o vi, a esse imperador, que foi nosso.

«Quasi todos os mezes, no Collegio de seu nome, ouviamos tilintar, precipite, a sineta. Era o velho e cambaio porteiro Gomes annunciando a visita do imperador.

«Que alvoroço nas aulas e com que alegria esperavamos o principe venerando!

«Quando elle apparecia á porta da sala, aonde sabia a recebel-o o lente, todos nós, de pé, sorrindo, davamos-lhe as boas vindas e elle sorria a todos com o seu ar augusto e bom, nobre, mas revestido de simplicidade; e a sua airosa cabeça, aureolada de cabellos brancos, tinha fulgores de prata ao sol.

«Não se sentiria melhor na Escola de Palacio o grande semeador do alphabeto na Edade Média, o amigo intimo de Alcuino, director intellectual da côrte Carolina, enxameada de philosophos e pedagogos, de illuminadores e de escribas que arrecadavam os classicos greco-latinos em cópias primorosas, do que se sentia nos Institutos de ensino o monarcha Bragantino que, com todo o poder que lhe davam corôa e sceptro e a vitaliciedade no throno, foi o mais simples, o mais liberal, o mais patriotico dos brasileiros.

«Guardo indelevelmente na memoria a sua imagem soberana e no mais intimo do coração, como em oratorio, onde mantenho perenne a gratidão, a lembrança da sua bondade.

«Vi esse principe falar ás crianças como devia falar Jesus; vi-o attender a homens rudes como um senhor de campo em conversa com seareiros; vi-o, muita vez, acenar de dentro da berlinda ao povo com familiaridade carinhosa como de paes a filhos; vi-o, sob a purpura, no throno, e vi-o á beira de leitos humildes em hospitaes; vi-o em concertos e saráos prestigiando, com a sua presença, a vida espiritual; vi-o em conferencias acompanhando com interesse e applaudindo a dissertação dos oradores.

«Não se iniciavam concursos, não se collavam gráos, não se distribuiam premios sem a sua presença. Não corriam dos estaleiros ao mar navios de construcção nossa que elle não comparecesse á ceremonia para cortar a fita symbolica. Interessava-se por tudo que dizia com a vida da Nação.

Quando a peste inclemente irrompia na cidade apavorando a Côrte, que abalava para Petropolis, elle deixava-se ficar em São Christovão, perto do seu povo, e na companhia dos livros.

Que artista de valor o procurou que não fosse ouvido e conversado longamente? Que servidor da Patria recorreu á sua longanimidade que não fosse acolhido com agasalho?

Era um exemplo e como tal o tinham todos os seus subditos filiaes e, por mais que a calumnia insista em lançar-lhe máculas á memoria será tanto como atirar lodo ao sol.

«Vi-o nos dias de grandeza, não o vi na hora dessa madrugada nevoenta e triste, hora de recúo ingrato, hora em que elle se achou só com a tristeza do seu grande coração.

«Não o vi nessa hora, sei, porém, que se não vergou, tal como o cedro altivo acossado do temporal, e assim como passava erecto e senhoril por

entre as ovações, caminhou para o exílio e, se teve um instante de fraqueza, que o mar lhe recebeu dos olhos, não foi de revolta contra os homens, mas de saudade da Patria.

Meus Senhores. Além destes predicados realçavam tambem nas facetas scintilantes do seu adamantino caracter outras virtudes: incorruptivel honradez, patriotismo abnegado e, acima de tudo, esse sentimento conquistador - a bondade bella que Lacordaire achava que elevava a alma numa medida superior á gloria e ao proprio amor.

E foi por isso que no exílio, como simples cidadão, elle pareceu maior do que como Imperador no esplendor de sua realeza.

Hoje mais do que nunca *vis-à-vis* da cultura e da intelligencia, é a força moral que domina e guia as nacionalidades.

Durante quasi meio seculo, D. Pedro comprehendeu o valor dynamico daquelle fluido mysterioso que empolga a alma das *élites*, sabendo governar o seu povo com admiravel rectidão.

Dirigiu os destinos do Brasil pelo trabalho honrado, constante e methodisado, avançando tanto moral como materialmente, sem grandes surtos de audacias e aventuras, porém consolidando as energias economicas e mantendo sempre a nação prestigiada e respeitada no estrangeiro.

E durante este longo periodo, o seu sceptro jámais pesou sobre os seus subditos, como outrora a corôa de muitos principes e tyranos esmagando as liberdades de innumeros povos.

E foi por isto que o nome de D. Pedro tanto creseeu na estima dos seus concidadãos e mais ainda na admiração do mundo civilizado: nome aureolado de um fluido suave e reparador e que hoje, na distancia vingadora e imparcial do tempo - como parallelo da conducta dos homens, mais avulta ao penetrar irradiante no portico incorruptivel da Historia . . .

Meus Senhores!

D. Pedro II foi incontestavelmente um verdadeiro homem de letras e amigo das sciencias.

Quem assim o julgou foi uma pleiade de intelectuaes do mundo.

Em 1847, Alexandre Herculano dizia do seu grande amigo, o Imperador, referindo-se ao progresso literario do Brasil desde 1840 :

«O Imperador representa o maior papel neste desenvolvimento. Elle não se contenta de amar e proteger as sciencias e as artes, de reunir em sua côrte os sabios, os artistas, de os favorecer, não por calculo, como Augusto, ou por vaidade egoista, como Luis 14. Ama-os pelo seu proprio valor e por evidente conhecimento de causa».

Pasteur, um dos maiores bemfeitores do genero humano, — chamou-lhe — imperador homem de sciencia.

Carlos Darwin affirmava que todos os sabios lhe deviam o maior respeito.

Confessava, uma vez, Arséne Houssaye que o que mais o edificava deante do soberano Brasileiro era contemplar — a graça com que elle se desprovia do manto imperial — esse homem que governava o mais vasto imperio do globo, depois da Russia e da China, — para tornar-se um simples viajante espiritual e erudito».

«Elle viu tudo em França, rematava o notavel escriptor francez — esse varão que não acreditava senão na magestade da inteligencia».

«Assim, elle é duas vezes imperador, com a simplicidade de um espartano».

V. Hugo chamou-lhe neto de Marco Aurelio, e Lamartine — outro genio da raça latina, comparando-o a Frederico o Grande, conclue convicto e reverente: «O principe philosopho ultrapassa o poeta coroado de Potsdam».

Meus Senhores !

Estava escripto no livro do destino, pela força inexoravel dos acontecimentos a dirigir leis ineluctaveis da sociologia humana, que havia che-

gado á sua finalidade o regimen monarchico no Brasil.

Não quiseram, porém, os fados que o derradeiro soberano aqui terminasse os dias do seu glorioso e sabio governo, esperando tranquillo, na veneranda velhice, a morte na grandeza do seu mysterio; a morte, que na expressão do poeta—*é a unica realidade no esplendor do seu silencio* ...

Forçoso era partir para o exilio.

V. Hugo que fôra amigo e admirador de D. Pedro II, numa eloquente objurgatoria, disse um dia debruçado sobre as *falaises* nevoentas da ilha de Guernesey, «que havia uma cousa peór do que o cadafalso, era a deportação e a morte sem o ultimo olhar para o ceu da Patria !. . .»

Assim aconteceu ao Imperador, soffrendo no desterro a nostalgia percuciante que foi parar para sempre o seu coração, que nunca guardou odios nem aspirou vinganças.

Aquelle exilio, pois, teve uma grandeza excepcional; aquelle compungido insulamento em terra estranha foi tocante e solenne como a paciencia de Job; aquella dôr resignada e serena foi digna de figurar em relevo refulgente entre os heroes de Carlyle ...

Alma blindada á romano antigo, tendo por substractum e arnez da consciencia uma luminosa personalidade moral fóra do commum, soube assim enfrentar como um justo a cruciante mágoa dos ultimos dias.

E delle se poderia dizer, como de Marco Aurelio commentou Renan, em estilo incomparavel:

«No seu martyrio intimo, olhando todas as cousas com um olhar amoravel e calmo, apparecia em toda a parte com o seu rosto pallido, a sua suave figura de resignado e a sua doença do coração.

«Falava baixo e andava devagar. Diminuiam sensivelmente as suas forças, enfraquecia a sua vista.

«Um dia em que teve de pousar o livro que tinha na mão, pois até isto o fatigava, escreveu: «Já não podes ler, mas o que podes é repellir a violencia do teu coração, desprezar a dôr e o prazer, ser superior á vangloria; não te importares com os parvos e os ingratos, e sobretudo — fazer o bem».

E assim tambem foi D. Pedro II nos derradeiros instantes que ainda viveu sobre a terra, distante da Patria onde amára tanto os homens como as cousas.

Mas, ninguem saberá jamais a extensão do soffrimento daquelle coração emmurchecido pelas saudades. Para honra, porém, da nossa raça, naquelle indizivel momento elle foi maior do que um stoico dos tempos aureos do passado, quando Séneca—o philosopho—abria as veias e o grande Socrates bebia sorridente a cicuta lethal.

Meus Senhores!

Daqui a momentos, quando o fim desta bella tarde de verão expirar nos tons opalinos do lampejo zodiacal no occidente e o setestrello marchetar no oriente a profundeza mysteriosa do infinito na sua mansuetude inexprimivel, descerão fulgores luminosos que, incidindo sobre a fronte deste monumento, realçarão ainda mais em vibrações immortaes esta apotheose do povo cearense ao seu maior amigo, a D. Pedro II—o Bom—cujo espirito, talvez, como divindade tutelar paira sobre esta formosa terra brasileira que elle tanto enobreceu e honrou perante a propria consciencia humana...